

Gêneros orais – conceituação e caracterização

Oral genres - concept and characterization

Luiz Carlos TRAVAGLIA* et alii¹

Resumo: Esse trabalho apresenta propostas teóricas sobre gêneros orais que servem de instrumentos aplicáveis em pesquisas que buscam levantar quais são os gêneros orais circulantes em diferentes esferas de atividade humana, em nossa sociedade e cultura brasileiras e caracterizá-los. Os elementos teóricos apresentados referem-se às seguintes questões: a) Quando um gênero pode ser considerado um gênero oral? b) O que diferencia um gênero oral de uma atividade? c) Quais são os gêneros orais? d) Como são caracterizados os diversos gêneros orais? O que seria específico na caracterização dos gêneros orais? Como identificar o que é comum a todos pelo uso da língua falada e o que é específico de um ou outro gênero oral, no que diz respeito, a elementos próprios dessa modalidade da língua? Em que medida se deve considerar a multimodalidade na caracterização dos gêneros orais? Respondendo a tais questões, apresentamos aqui os posicionamentos assumidos sobre o tema pelo Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, a partir de seus estudos e discussões sobre gêneros orais. O quadro teórico básico é o da Linguística Textual e da Teoria do Discurso.

Palavras-chave: Texto. Gêneros de texto. Gêneros orais.

Abstract: This work presents theoretical proposals on oral genres that serve as instruments applicable in researches that seek to establish which oral genres circulate in different spheres of human activity in our Brazilian society and culture and to characterize them. The theoretical elements presented refer to the following questions: a) When a genre can be considered an oral genre? b) What differentiates an oral genre from an activity? c) What are the oral genres? d) How are the different oral genres characterized? What would be specific about the characterization of oral genres? How to identify what is common to all by the use of the spoken language and what is specific to one or another oral genre, with respect to the elements specific to the oral language? To what extent should multimodality be considered in the characterization of oral genres? Responding to these questions, are presented here the positions taken on the topic by the Research Group on Text and Speech of the Institute of Letters and Linguistics of the Federal University of Uberlândia, from their studies and discussions on oral genres. The basic theoretical framework is that of Textual Linguistics and Discourse Theory.

Keywords: Text. Genres of text. Oral genres.

* Mestre em Letras – Língua Portuguesa pela PUC-RJ, Doutor em Linguística pela UNICAMP com pós-doutorado em Linguística pela UFRJ. Professor e pesquisador na área de Língua Portuguesa e Linguística do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Site: www.ileel.ufu.br/travaglia, e-mail: lctravaglia@ufu.br.

¹ - São coautores desse artigo com participação nas discussões que geraram as ideias aqui apresentadas: Ana Maria Esteves Bortolanza, Cláudia Goulart, Eliana Dias, Luiz Carlos Travaglia (Coordenador do PETED), Maria Aparecida Resende Ottoni, Maria José da Silva Fernandes, Pollyanna Honorata Silva, Solange Aparecida Faria Cardoso, Regina Lúcia Félix, Valdete Aparecida Borges Andrade, Walleska Bernardino Silva. O texto final foi proposto por Luiz Carlos Travaglia e discutido no grupo, tendo contribuições de Cláudia Goulart, Maria Aparecida Resende Ottoni, Maria José da Silva Fernandes, Regina Félix, Solange Aparecida Faria Cardoso, Valdete Aparecida Borges Andrade, Walleska Bernardino Silva. Todos os autores são pesquisadores (professores, mestrandos e doutorandos) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) e da Escola de Educação Básica (ESEBA) da Universidade Federal de Uberlândia.

1 Preliminares

Quando dizemos que vamos trabalhar com gêneros orais, parece, à primeira vista, que o conceito do que são gêneros orais seja algo bastante tranquilo. O conceito parece óbvio: são aqueles gêneros da língua oral. Todavia, quando nos aproximamos dos gêneros existentes empiricamente, percebe-se que o conceito de gêneros orais não é tão tranquilo quanto se pensa.

Quando o Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso (PETEDI)¹ decidiu desenvolver um projeto sobre “gêneros orais”, a abordagem e a escolha dos objetos de pesquisa mostraram a necessidade de uma discussão um pouco mais acurada sobre o que seria entendido como gênero oral e outras questões. Em grande parte o que é exposto e proposto neste artigo é o resultado dessas discussões.

Algumas questões se mostraram pertinentes para a realização de projetos de pesquisa sobre gênero oral. A primeira delas diz respeito à distinção entre gênero e atividade, pois, mesmo que se tenha um consenso sobre o que é um gênero, como eles realizam atividades por meio da linguagem, muitas vezes o pesquisador fica diante da difícil decisão sobre se algo é um gênero ou uma atividade. A seguir é fundamental decidir quando se considera um gênero como oral, ou seja, é preciso definir o que são gêneros orais.

Após distinguir algo como gênero e após decidir o que seja um gênero oral é preciso dar resposta às seguintes questões:

- a) quais são os gêneros orais existentes em nossa sociedade e cultura brasileiras?
- b) como são caracterizados os diversos gêneros orais?
- c) em que medida se deve considerar a multimodalidade na caracterização dos gêneros orais e em que medida elementos desse aspecto caracterizariam o gênero oral enquanto gênero e enquanto oral?

Além disso, aspectos relativos à montagem do *corpus* para a pesquisa sobre gêneros orais, devem ser definidos: a) a forma de registro do gênero para estudo: apenas sonora ou sonora e visual; b) necessidade ou não de transcrição e, em caso afirmativo, qual deve ser a forma de transcrição entre outros aspectos.

2 Gênero ou atividade?

¹ - Grupo de Pesquisa sediado no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia e ligado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Criado em maio de 2000, o PETEDI se dedica ao estudo dos textos e discursos a partir de perspectivas teóricas diversas.

Ao buscar realizar o levantamento dos gêneros orais existentes na sociedade e cultura brasileiras, para definir que gêneros seriam objeto de estudo enquanto gêneros orais, surgiu a dificuldade de se saber se determinados elementos eram gêneros orais ou uma atividade, uma ação social discursivamente realizada, (embora haja atividades não discursivamente centradas), de modo que muitas vezes não se sabe se estamos diante de um gênero ou uma atividade.

Assim, por exemplo: a) o **seminário** que se realiza em salas de aula como um recurso de aprendizagem é um gênero ou uma atividade que se realiza por meio de outros gêneros, como a exposição oral, o depoimento e o debate? b) o **júri** é um gênero ou uma atividade que se realiza por meio de gêneros diversos? c) a **conversação**: é um gênero ou uma atividade social na qual podemos encontrar os mais variados gêneros. No caso da conversação é possível identificar os mais diversos gêneros sendo utilizados durante a mesma, tais como pedidos, depoimento, casos, relato de experiências pessoais diversas, piadas, solicitações, receitas de cozinha, prescrição de remédios caseiros ou não, conselhos, fofoca, lamento, etc.

Além disso, surgiu o questionamento sobre se teríamos atividades que têm um gênero homônimo que as realiza como nos casos da missa, do casamento, do batismo, da benzeção, do leilão, da entrevista, etc. A **missa**, se considerada gênero, seria um “supergênero” constituído por outros como a prece/oração, o ofertório, a homília/sermão, os gêneros das leituras bíblicas feitas, a consagração, bênção, etc? Aqui decidiu-se pela resposta positiva a esta questão da homonímia entre atividade e gênero. Assim, por exemplo, o **leilão** é uma atividade social para venda de mercadorias, por meio de lances em certas circunstâncias específicas que a diferenciam de outras atividades de venda, mas há um gênero homônimo que a realiza e que é o objeto de estudo em um dos artigos desta revista. Também a **benzeção** é uma atividade para curar alguém ou afastar de alguém determinados males, mas existe o gênero que a realiza. No mesmo caso está a entrevista. Já, por exemplo, gêneros como o esquete ou a comédia *stand up* não serão confundidos com uma atividade, pois são usados para a atividade de realização de espetáculos ou apresentações (em teatros, circos, televisão, boates, feiras, etc.) com o objetivo de divertir, entreter um público. Mas em certos casos mesmo com critérios estabelecidos a decisão não é fácil: que uma **reunião** (de professores, de um colegiado, da diretoria de uma empresa, de condomínio, etc) pode ser considerada uma atividade parece não haver dúvida, mas ela tem um gênero homônimo que a realiza? Se não, qual(is) seria(m) o(s) gênero(s) envolvidos: exposição oral e debate deliberativo? Um

exemplo semelhante poderia ser a **assembleia**, atividade em que se discutem problemas sociais controversos e são necessárias capacidades de linguagem como sustentação dos argumentos, refutação, negociação de tomadas de posição e, portanto, os gêneros que estariam na base dessa atividade seriam a exposição oral e o debate? A **aula** poderia ser considerada como uma situação de linguagem em que o professor exerce uma atividade de ensino e aprendizagem em que estão envolvidos outros gêneros, tais como a exposição oral, as piadas, os relatos, os casos, o debate?

Evidentemente estes aspectos exigem uma decisão teórica que pode levar a diferentes posturas na pesquisa, inclusive sobre o que vai ou não ser considerado como objeto da mesma. É exatamente o que se busca aqui, mesmo que o que se propõe possa não ser acatado de modo geral por outros pesquisadores não pertencentes ao grupo de pesquisa que faz a proposta teórica em foco. Todavia, neste caso, outra resposta à mesma questão tem que ser proposta dentro de um quadro mais amplo de pesquisa de gêneros e não para responder um problema pontual de modo que não serve à solução de outros problemas semelhantes.

Consideramos o **gênero**, na perspectiva bakhtiniana, como um tipo de enunciado relativamente estável, ou seja, com determinadas regularidades em termos de conteúdo temático, construção composicional, forma de realização linguística (estilo), criado em uma esfera de atividade humana ou por uma comunidade discursiva, no dizer de Swales (1990), para realizar uma ação social por meio da linguagem. Assumimos ainda o gênero como um pré-acordo de um grupo social sobre o modo de realizar algo linguística e discursivamente por meio de textos. Tendo em vista estes posicionamentos e levando em conta também o proposto por Schneuwly, Dolz (2004, p. 23 e ss.) e Fairclough (2003), podemos considerar o que dizemos a seguir para a distinção entre gênero e atividade.

Os **gêneros** são instrumentos, cuja apropriação leva os sujeitos a desenvolverem capacidades e competências individuais correspondentes aos gêneros. Tais capacidades e competências são capacidades e competências linguísticas e discursivas de construção e de escolha do gênero apropriado para a ação em dada situação social localizada. Já as **atividades** são ações mediadas por objetivos específicos, socialmente elaborados por gerações precedentes e disponíveis para serem realizadas, usando determinados instrumentos para este fim construídos. Se temos o objetivo de cortar uma árvore, realizamos, por exemplo, a atividade de lenhador (cortar a madeira para vendê-la para o uso como combustível por meio da queima na forma de lenha) ou outra, como a de jardineiro ou paisagista (estruturar um paisagismo em que a árvore não se encaixa) ou a de construtor (limpar o terreno para

implantação de uma obra) ou ainda a de agricultor (preparar o terreno para o plantio). Em todos os casos há uma ação de cortar a árvore que se fará usando um instrumento: o machado ou uma serra manual ou elétrica, conforme o que há de tecnologia no grupo social em que a atividade se realiza. Isto mostra que os instrumentos podem variar, mudar, conforme o tempo e grupo social.

O mesmo acontece com os gêneros que são instrumentos para ações linguístico-discursivas para atingir um objetivo. Se tenho o objetivo de dar fé da verdade de algo posso escolher vários gêneros para fazê-lo, conforme a situação e as condições de produção: atestado, certidão, certificado ou declaração (Cf. Travaglia - ([2003]/2007), p. 105), configurando instrumentos diversos para a mesma função social ou objetivo básico, mas utilizáveis e utilizados em condições de produção diferentes, o que faz de cada caso uma atividade diferente. Outro exemplo seria o do gênero “diário de classe” por meio do qual se exerce a atividade de professor com o objetivo de registrar os conteúdos e atividades de ensino/aprendizagem realizadas em cada aula durante um período letivo em uma instituição de educação formal.

Como já disseram Fairclough (2003) e Travaglia ([2003]/2007), o objetivo ou função social é definidor(a) ou caracterizador(a) do gênero, mas nem sempre o objetivo está ligado “a propósitos sociais amplamente reconhecidos” Fairclough (2003, p. 71) e as “funções sociais, embora sejam ‘pressentidas’ e vivenciadas, quase sempre não são de fácil explicitação” (Travaglia ([2003]/2007, p. 104) e sua explicitação é dificultada tanto “pelo uso dos gêneros em épocas distintas quanto pela possibilidade de mudança de função do gênero em épocas distintas e até mesmo em grupos sociais distintos” (Cf. Travaglia ([2003]/2007, p. 104, nota 9). Assim não é fácil dizer qual o objetivo e função social de um romance e a qual atividade ele serve de instrumento (À de entretenimento? À de propaganda de determinadas ideias? À de denúncia e/ou discussão de problemas sociais? etc?)

Se como diz Fairclough (2003, p.70), os gêneros individuais são diferenciados em termos de: atividade, relações sociais e tecnologias de comunicação, é natural que em muitos casos haja uma zona de imprecisão entre o gênero e a atividade para a qual ele é instrumento, inclusive porque em alguns casos a atividade e o gênero que a realiza recebem o mesmo nome. Para Fairclough a atividade responde à pergunta “o que as pessoas estão fazendo?” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 70). No caso dos gêneros seria uma pergunta mais direcionada para o que as pessoas estão fazendo ao usar um determinado gênero como instrumento. Neste caso a ação tem uma natureza discursiva. Assim, para Fairclough, há atividades em que o(s)

gênero(s) é/são fundamentais como instrumentos como em um seminário para aprender sobre algo ou um júri para julgar um crime. Por outro lado há atividades nas quais os gêneros têm um papel secundário ou papel nenhum como, por exemplo, na atividade de jogar futebol, participar de uma corrida ou luta. Neste segundo caso é pouco pertinente discutir o uso de um instrumento discursivo específico² distinto da atividade social que está sendo praticada por meio desse instrumento, que seria um ou mais gêneros, uma vez que propusemos que uma atividade social específica pode ser realizada, utilizando mais de um gênero.

Tendo em vista o que ficou dito podemos dizer que a **atividade** social é o que alguém está fazendo, para atingir determinado objetivo, enquanto o **gênero** é um instrumento linguístico-discursivo devidamente estruturado, criado em uma esfera de atividade humana por uma comunidade discursiva, como uma forma eficiente de realizar a atividade em que o gênero tem um papel essencial. Assim o gênero terá uma função social em decorrência da atividade à qual ele serve de instrumento e que, de um certo modo, o caracteriza. Surgem do que dissemos os elementos que serão caracterizadores do gênero enquanto tal.

1. O que é um gênero oral?

Em suas discussões o Petede estabeleceu que gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador) e foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita.

Assim, por exemplo, a conferência ou a comunicação científica em eventos acadêmico-científicos podem ter uma versão escrita, mas foram produzidas para serem realizadas oralmente. O mesmo se pode dizer de uma peça de teatro escrita para ser representada (realizada oralmente)³. Por outro lado um artigo científico sobre o mesmo tópico de uma conferência não foi produzido para ser realizado oralmente, mas para existir na forma escrita. Dessa forma, mesmo que seja lido em voz alta não será um gênero oral. O mesmo se

² - Fairclough (2003, 70) fala em “atividade especificamente discursiva”.

³ - Marcuschi (2008, 196), ao listar os gêneros escritos e orais para diferentes domínios discursivos, lista um gênero que ele nomeou de “encenações”, entre os gêneros orais para o domínio que chamou de “ficcional”. Não sabemos se o autor se referia apenas à encenação de peças teatrais, já que “peça de teatro” aparece entre os gêneros escritos listados por ele para o mesmo domínio ficcional, mas também outros que podem ser encenados como *scripts* de filmes. O autor não define os gêneros nomeados.

pode dizer de um romance, de um conto, de uma reportagem em uma revista ou jornal. Ou seja, a simples oralização de um texto não o torna um gênero oral. (Cf. Marcuschi e Dionísio, 2005, 68). Por isto é importante para considerar o gênero como oral tanto que ele tenha como suporte a voz humana, quanto que tenha sido produzido por dada comunidade para ter uma realização oral.

O suporte do gênero oral não pode ser visto como a fala, porque esta é a própria língua usada oralmente. Evidentemente os gêneros orais são construídos com a língua falada e terão características dessa que podem ser específicas de um gênero ou meramente da língua falada e comuns a todos os gêneros orais.

Portanto, podem ser considerados gêneros orais aqueles que têm uma versão escrita, mas que têm uma realização prioritariamente oral, usando a voz como suporte. Estariam neste caso, entre outros, gêneros tais como: conferências, representação de peças teatrais, telenovelas e filmes que têm um roteiro ou script, as notícias faladas em telejornais e no rádio que geralmente estão previamente redigidas, recontos, etc.

Isto evidentemente leva a graus diferentes de oralidade, pois, por exemplo, a leitura de uma conferência ou comunicação científica em congresso, ou a realização de uma conferência ou de uma exposição oral qualquer com base em um roteiro preparado, mas em que o que se vai dizer não está dito palavra por palavra serão diferentes, mas ambos serão considerados um gênero oral. A aula, por exemplo, em que ocorrem vários gêneros orais, pode seguir um roteiro, mas nunca será lida como pode acontecer com uma conferência ou comunicação científica em congresso.

A decisão de considerar gênero oral a realização falada, com suporte da voz, de determinados textos escritos não é tranquila, pois, se isto for levado ao extremo, considerar-se-ia como gênero oral a leitura de um romance, de uma crônica, de um conto, de uma notícia ou reportagem de um jornal escrito, de um artigo científico, de um tratado acadêmico sobre dado tópico, etc? Parece-nos que não. No funcionamento dos gêneros dentro das comunidades discursivas ou esferas de atividade humana há gêneros que são escritos para serem oralizados, como as conferências, as comunicações científicas, as notícias para jornais falados no rádio e na TV, as peças de teatro, as telenovelas, os esquetes humorísticos e estes é que serão considerados gêneros orais e não a simples oralização de qualquer texto. Há outros que são orais na sua origem, mas ganharam e ganham registro na língua escrita para serem preservados ou divulgados na variedade escrita. É o que acontece com as piadas, os casos, as

histórias de assombração, os depoimentos na justiça, etc. Finalmente há outros que são sempre orais e não têm versão escrita como os repentos, benzeções, leilões, etc.

2 Quais são os gêneros orais

Fazer uma lista dos gêneros orais existentes na sociedade e cultura brasileiras não é uma tarefa fácil, como se pode perceber. Todavia buscamos elencar alguns gêneros que em suas discussões o PETEDI já considerou como gêneros orais tendo em vista os critérios estabelecidos. Como toda listagem desse tipo ela com certeza é incompleta e há elementos que podem ser discutidos se realmente são gêneros ou não e se são orais. Além disso muitos podem defender a inclusão como gêneros de elementos que consideramos mais como atividades.

A listagem apresentada a seguir está organizada por esferas de atividade humana em que os gêneros são produzidos e acreditamos que ela ajuda pesquisadores e educadores em seu trabalho.

- 1) **Esfera das relações sociais gerais:** entrevista de emprego⁴, fofoca, caso / causo, recados (social e familiar), bronca (repreensão), conselho, discussão (bate-boca, briga), reclamação, lamento, alerta, brinde, cantiga de ninar, discurso⁵, exéquias, juramento, provérbio, nota de falecimento (pode também ser escrito, como as que aparecem em jornais), convite (também pode ser escrito), acusação, agradecimento, atendimento (por exemplo por secretárias, telefonistas), recados (em secretárias eletrônicas ou pessoalmente), etc;
- 2) **Esferas do entretenimento e literária:** cantiga de roda, piada, anedota (é diferente de piada?), peça de teatro (representação), parlenda, reconto, comédia *stand up*, esquete, repente (improvisado cantado ou recitado), bingo (o cantar as pedras, prêmios e vencedores), filme, narração esportiva radiofônica/televisionada (de jogos, corridas, etc), telenovela, adivinhação/adivinha, desafio, locução de rodeio, música (a letra da música

⁴ - A entrevista é um gênero caracterizado por ter um entrevistador que põe questões, faz perguntas a um entrevistado que deve ter determinadas qualificações desejadas pelo entrevistador conforme seus objetivos. Aqui a colocamos em diversas esferas, com especificações distintas, mas resta decidir se temos apenas um gênero com espécies diferentes (Cf. sobre espécies Travaglia –[2003]/2007) ou gêneros distintos.

⁵ - Os discursos podem ser produzidos em diversas esferas de atividade humana, como a das relações sociais e na política, por exemplo.

que só existe como música quando cantada. Fora disso tem-se um poema), entrevistas com celebridades, etc;

- 3) **Esferas escolar /educacional e acadêmica:** avisos/comunicados feitos em sala de aula por agentes diversos (professores, funcionários da direção ou da secretaria, alunos, etc.) palestra/conferência, exposição oral (pode ocorrer em outras esferas), debate de opinião, debate deliberativo, arguição e defesa de dissertação ou tese ou sobre um assunto estudado ou de monografia/trabalho de conclusão de curso, comunicação de pesquisa (em eventos acadêmico-científicos), entrevista de pesquisa científica, arguição / prova oral, etc
- 4) **Esfera religiosa:** homília, sermão, celebração da palavra, pregação ou prédica, prece/oração/reza, confissão, passe espírita, benzeção, batismo, batismo de fogueira, casamento (religioso, mas também o civil), consagração, crisma, extrema unção; unção de enfermo, cantos de folia de reis, ladainha, profissão de fé (há profissões de fé religiosas, mas também sobre aspectos filosóficos, sobre cânones artísticos, etc.), hinos, cânticos de congadas ou congado, ordenação de padre, consagração, *angelus*, novena (gênero ou atividade?), batizado, consagração, jaculatória (oração curta e fervorosa), missa, testemunho (é um tipo de depoimento que nesta esfera recebe um nome particular), oferenda, leitura de búzios, etc;
- 5) **Esfera militar:** Comandos, instrução de comandos, etc.;
- 6) **Esfera médica:** consulta (a anamnese seria parte da consulta), sessão de terapia, etc.;
- 7) **Esfera jornalística:** notícia, reportagem, comentário (feito por comentaristas econômicos, esportivos, críticos de arte, etc.), entrevistas (como as de opinião sobre determinado tópico), etc.
- 8) **Esfera jurídica / forense:** depoimento, defesa, acusação, etc.;
- 9) **Esfera policial:** interrogatório, denúncia (Não se trata aqui do gênero escrito produzido pelo ministério público, mas das denúncias orais e informais realizadas por cidadãos em geral), depoimento, etc.;

10) Esfera comercial e industrial: pregão (de camelô, de vendedor, de feirante, etc.), leilão (a fala do leiloeiro), atendimento de *call center*, transações de compra e venda (pessoalmente ou mediadas), entrevista (de pesquisa de preço e opinião sobre produtos, por exemplo), etc.;

11) Esfera dos transportes: navegação de voo, cancelamento de voo, informes/avisos orais em aeroportos e rodoviárias sobre partidas, chegadas, cancelamentos, etc.;

12) Esfera de magia: leitura de mão, praga, leitura de cartas, simpatia, etc.;

13) Esferas diversas: depoimento / relatos de experiência de vida (policial, religiosa, de tratamentos, histórico, jornalístico, etc.) pedido (social, como o pedido de casamento e outros, como o pedido de comercial de mercadorias, etc.), agradecimentos, profissão de fé, dramatização (ver relação com peças de teatro), instruções (de voo, para realização de algo, etc), aviso, etc.;

Excluimos da listagem acima elementos que muitas vezes são arrolados como gêneros orais, por termos considerado os mesmos como atividades: programa radiofônico, jornal falado (telejornal, radiofônico), seminário, mesa redonda, júri, reuniões (em empresas, em instituições escolares, de pais e mestres, de condomínio, de grupos de ajuda, de órgãos colegiados, de professores, etc.), assembleia, conselho de classe, oficinas, diálogo/conversação (pode ser mediada ou não por telefone, computador, etc.), programa de rádio, tradução simultânea, novena, comício, recital de poesia.

3 Caracterização dos gêneros

Na caracterização dos gêneros cremos ser pertinente usar os parâmetros e critérios propostos por Travaglia (2007a), para a caracterização de categorias de texto sejam elas tipos/subtipos, gêneros ou espécies, conforme proposta desse autor:

- a) o conteúdo temático;
- b) a estrutura composicional;
- c) os objetivos e funções sociocomunicativas da categoria;

d) as características da superfície lingüística (o que Bakhtin chamou de estilo), geralmente em correlação com outros parâmetros;

e) elementos que podem ser atribuídos às condições de produção da categoria de texto, inclusive as esferas de atividade humana ou esferas sociais ou comunidades discursivas.

Não vamos repetir aqui o que entra em cada um dos cinco parâmetros, uma vez que remetemos a Travaglia (2007a). O autor se refere também à pertinência do suporte para a caracterização de determinados gêneros. Como já foi dito, todos os gêneros orais terão como suporte a voz, seja ela mediada (por alguma tecnologia como telefone, gravação – fita, cd, cartão de memória, etc. – rádio, televisão, etc.) ou não. A mediação típica pode ajudar na caracterização de um gênero em oposição a outro.

No que respeita aos elementos característicos da língua oral (entonações, altura de voz, tom, etc.) eles são considerados como característicos de todo e qualquer gênero oral. Serão caracterizadores de um gênero em particular quando ocorrerem de maneira sistemática e particular nesse gênero, como por exemplo uma altura de voz, um tom, uma entonação, etc. específicos. Quanto ao tom (solene, de tristeza, de alegria, de deboche, festivo, etc.) quando for sistemático em um gênero específico será visto como parte do conteúdo temático na sua caracterização.

A multimodalidade, ou seja, o uso de linguagens diferentes em conjugação com a língua deve ser considerada na caracterização dos gêneros orais dentro da estrutura composicional como proposto por Travaglia (2007a). Uma linguagem será caracterizadora do gênero, primeiro por sua presença necessária (ou seja, o gênero não pode existir sem sua presença) e segundo por seu uso particular no gênero. Ao referir outras linguagens estamos falando de gestos, expressões fisionômicas, música, atitudes e posturas corporais, entre outras. Parece-nos que imagens dificilmente serão caracterizadoras de gêneros orais. Esta observação da multimodalidade é pertinente porque, nas pesquisas que deram origem aos artigos apresentados nessa revista, observou-se, por exemplo, gestos característicos e caracterizadores no leilão e na benzeção.

4 A composição dos corpora

Para as pesquisas sobre os gêneros orais, por força da característica dos gêneros, os corpora devem ser constituídos por gravações dos mesmos em áudio ou áudio e vídeo, conforme o gênero em questão, feitas pelos pesquisadores ou tomadas de fontes em que estas

gravações estiverem disponíveis, como sites diversos, CDs entre outros. De acordo com a necessidade para a observação de determinadas características os exemplares dos gêneros precisam ser transcritos no todo ou em parte. Isto pode ser observado nos estudos apresentados nos artigos desse número da revista.

O PETEDI considerou que a análise em transcrição pode não ser suficiente para a caracterização de cada gênero e que, portanto, sempre se deve ouvir e/ou assistir as gravações para observação dos diversos parâmetros e critérios de caracterização. A transcrição dos exemplares dos gêneros para sua análise é dificultada pela multimodalidade recorrente em termos de gestos, atitudes, posturas corporais, bem como de entonações e outros elementos assemelhados que, sempre são usados, interferindo na significação do que é dito. Em muitos gêneros ocorre o uso de linguagens não verbais o que também precisa ser considerado na transcrição. Ficou estabelecido um sistema de transcrição inclusive para contemplar os elementos não linguísticos e paralinguísticos. Essa convenção de transcrição estabelecida é apresentada no Apêndice dessa revista.

5 Considerações finais

Como se pôde perceber, o estudo dos gêneros orais exige o posicionamento teórico e metodológico sobre alguns aspectos envolvidos na pesquisa em função do material a ser analisado e inclusive do que deve ser analisado como gênero oral.

Ao decidir o que considerar como gênero oral e como proceder na análise, o grupo de pesquisadores do PETEDI, responsável pelas ideias aqui expostas, esperam ter avançado contribuições pertinentes para os pesquisadores envolvidos com o estudo de gêneros orais.

Referências Bibliográficas

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva (orgs.). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Educação linguística; 2)

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In ROJO Roxane (Tradução e organização) **Gêneros orais e escritos na**

escola - Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e colaboradores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SWALES, John M. **Genre analysis** – English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2003). “Tipeamentos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos” In FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa e MARQUESI, Sueli Cristina (org.). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino – Vol. II**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007: 97- 117. Disponível em www.ileel.ufu.br/travaglia

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **ALFA**, São Paulo, vol. 51 n° 1: 39-79. 2007a. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1426> e www.ileel.ufu.br/travaglia

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Sobre a possível existência de subtipos. In VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2009, João Pessoa. **Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN**. Organizador: Dermeval da Hora. João Pessoa: ABRALIN / UFPB, 2009. p. 2632-2641. ISBN 978-85-7539-446-5. Disponível em www.ileel.ufu.br/travaglia